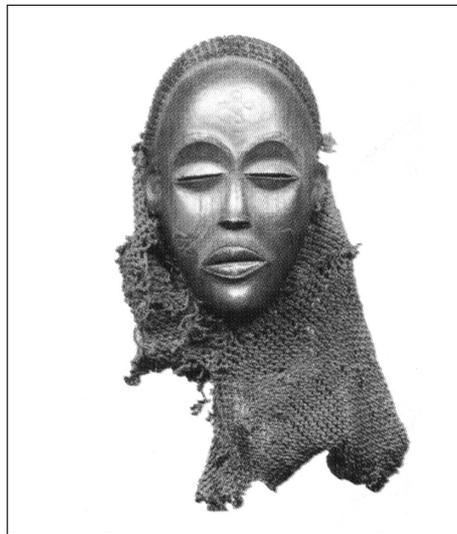


LITERATURAS



AFRICANAS

**Do subúrbio colonial ao subúrbio global:
a encruzilhada de imaginários em José Craveirinha,
Aldino Muianga e João Salva-Rey**

Francisco Noa*

Remetendo-nos involuntariamente à proverbial asserção horaciana *ut pictura poesis*, Edward Hall, em *A dimensão oculta*, disserta sobre a arte como um dos mais destacados domínios dos processos perceptivos. Assim, segundo ele, “a arte constitui uma das fontes mais abundantes acerca da percepção humana”.

E é aí onde ele reconhece que tanto os escritores quanto os pintores são os que, por exemplo, mais se preocupam com o espaço, assegurando o “*seu êxito* no plano de comunicação das percepções dependente da qualidade dos índices visuais ou outros que escolham para nos fazerem apreender os diferentes graus de proximidade” (Hall, 1986, p. 110).

Questão candente esta que se impõe sempre que a reflexão incide sobre a literatura como representação de tal modo que, em função do poder e do efeito das imagens, o plano da percepção acaba por sofrer a sobreposição do plano das impressões e das sensações, muito em especial, as visuais.

Sem obviamente cair em leituras deterministas e apriorísticas de qualquer espécie, parece-nos que é muito ao nível da representação, direta ou indireta, do espaço que vive grande parte da literatura africana ou sobre África. Ao falarmos do espaço temos em conta o seu

* Professor de Literatura Moçambicana (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique).

caráter pluridimensional, isto é, a sua figuração enquanto realidade física, psicológica, social, cultural, mítica, privada e coletiva e em interação, harmoniosa ou conflitante, com seres, acontecimentos, idéias e dimensões temporais.

É, pois, um incontornável apelo do espaço que intersecta, por exemplo, obras como *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha, *Ku Femba*, de João Salva-Rey e *O domador de burros e outros contos*, de Aldino Muianga. E um dos espaços que sobressai na constelação de representações que fazem esses textos é, inequivocamente, o subúrbio.

Topografia de encruzilhadas sociais, culturais, raciais, lingüísticas e geográficas, este é, seguramente, um dos resultantes mais emblemáticos e problemáticos da colonização. Salvato Trigo, num ensaio pleno de lucidez, de 1984, e tendo como referência-matriz a experiência angolana, fala-nos do subúrbio como a “geografia física quase labiríntica desses ‘bairros de areia’ povoados por gentes das mais diversas proveniências etnolingüísticas e com as mais diversas ocupações”, e que vivem a “dramática divisão interior entre a fidelidade de pertencer ao mundo tradicional e a necessidade econômica de ter de viver segundo modelos civilizacionais aniquiladores daquele” (p. 55).

Situado entre o campo e a cidade, o subúrbio mantém em relação ao primeiro o vínculo das origens que se vai diluindo num substrato que adquire, em determinados momentos, contornos quase míticos. O campo, se no caso de Craveirinha se apresenta como uma dimensão evanescente e difusa, uma espécie de paraíso perdido, em relação a Aldino Muianga é um espaço que se institui como um repositório de valores e vivências que legitima a condição primeira e derradeira dos seres que representa, isto é, inconsciente coletivo de uma identidade ancorada, em última instância, na ruralidade.

A relação que o subúrbio estabelece com o espaço urbano é carregada de tensões, mas também de fascínio. E a estrada de asfalto mais do que espaço-charneira é uma fronteira ominosa entre dois mundos cuja coabitação encerra elementos de profunda ambigüidade. Lugar de maldição, mas que envolve, seduz, domina e aliena, a cidade impõe-se insidiosa e tentacularmente em José Craveirinha. Veja-se, por exemplo, o poema “Frio nos subúrbios”:

E a cidade
ensaboada de inútil fraternidade
é como um polvo insaciável
espremendo o sangue das ruas

a tentáculos de silêncio
(p. 147)

Dessa feita, a “miragem deslumbrante da cidade cosmopolita” (p. 89) é, ao mesmo tempo, atração e negação dos sujeitos que, vindos das cercanias, a ela afluem diariamente para cumprir obrigações profissionais através de variados e paradigmáticos ofícios: empregados domésticos e do comércio, serventes, operários de construção e ferroportuários, motoristas, estivadores, auxiliares de escritório, trabalhadores da noite etc. Esclarecedora, nesse aspecto, é a constatação de Mário Pinto de Andrade de que “a profissão é um precioso indicador das relações coloniais” (1998, p. 140).

Excludente por excelência e domínio inquestionado do homem branco (no tempo colonial, apenas aproximadamente 3% da população era não-branca¹), a cidade impõe com dureza os filtros que inapelavelmente empurram os negros e os mestiços para as bordas do betão e do néon. Podemos, por exemplo, perceber a condição dramática de uma dessas franjas habitacionais através do olhar autocrítico e realístico de uma consciência literária colonial aqui representada por João Salva-Rey, em *Ku Femba*:

Deu uma volta muito grande por aqueles bairros pobres, formigueiros imensos de quatrocentas mil almas a esgaravatarem penosamente a vida para terem de comer, de manhã, ao levantar, e à noite, ao deitar – mboa, farinha de milho cozido, ou mandioca pilada, e, entre os mais ricos, de vez em quando, um naco de pão para ensopar no molho de amendoim...
Orientou-se como pôde na paisagem sempre igual, ruas e carreiros retorcidos, palhotas desconjuntadas de caniço velho, aqui e além, raras casinhas carcomidas, de madeira e zinco, sobressaindo, não obstante os pilares semipodres e o zinco roído, como se fossem belos palácios de uma Renascença – sem raízes. E naturalmente, sem futuro (p. 304).

¹ Este indicador não deve nunca ser descurado, sobretudo por parte daqueles que, imprudente e apressadamente, procuram desracializar a colonização portuguesa, especialmente em Moçambique. Parece-me também perigosa a excessiva busca de uma especificidade dessa mesma colonização, se partirmos do princípio de que todos os colonialismos são, na sua essência, iguais.

Este é um quadro que choca brutalmente com o que nos é desenhado, por exemplo, por Roberto Segre num artigo sugestivamente intitulado “Beleza no subúrbio”, onde o autor, dissertando sobre o surgimento e a evolução dos subúrbios, explica que, até ao século XIX, eram sempre associados ao paraíso terreno. Isto é, “desde o Renascimento, as elites europeias – nobres políticos, militares, burgueses e comerciantes – tinham seus castelos, palácios e mansões nos bucólicos espaços verdes livres, perto das cidades”. Mais tarde, tornar-se-ão esses espaços, muito por força da industrialização, espaços “satanizados”, de tal modo que o subúrbio se vai tornar “sinónimo de fealdade, pobreza e poluição material e visual” (2002).

Sabemos que o processo de colonização se caracterizou por uma determinada ocupação do espaço que, por sua vez, representou dinâmicas e correlações específicas de poder em que se confrontam, essencialmente, duas ordens existenciais: a dos dominadores e a dos dominados. Daí que, segundo Mário Pinto de Andrade, o “campo de exercício da colonização [seja], por necessidade intrínseca, gerador de conflitos”. No entender ainda desse autor, “tal estado de permanente conflitualidade resulta da própria essência da situação colonial que, enquanto totalidade, espelha a complexa confrontação entre a minoria alógena e a maioria autóctone” (1998, p. 21).

Por conseguinte, quer pela forma como se faz a ocupação e transformação do espaço, quer pelos movimentos sociais que aí se verificam, na globalidade, o espaço colonial é um lugar onde, de modo sistemático, se realizam e se encenam os comportamentos hegemónicos por parte dos territórios dominantes. Trata-se, segundo explica Gerhard Liesegang (1998, p. 105), de territórios sociais que têm a ver com o lugar de trabalho, a identidade individual ou de grupo, a casa, o talhão, ou a *flat*, bem como o estatuto social, a consciência de ser de uma classe privilegiada ou despojada.

Observa-se, por conseguinte, e tendo em conta particularmente a interação cidade/subúrbio, que os sujeitos – que têm como pátria imposta a sua condição de subalternidade civilizacional, social e racial – transitam recorrente e fatalmente entre duas periferias: por um lado, aquela que é exterior à cidade, o próprio subúrbio, portanto; por outro, a que está cavada dentro dos limites da cidade, onde a sua presença é basicamente justificada pela sua ação enquanto exército de serventuários.

Não surpreende, pois, que encontremos, em José Craveirinha, obsessiva e iterativamente, convocada à confrontação entre essas duas ordens. Poderosa e sedutora, a cidade colonial é:

- ♦ o “circo” onde Felismina “de mamana mal vestida” evolui “em bem despida artista de ‘strip-tease’” (p. 33);
- ♦ o lugar onde “jovens discutem as pernas de Brigitte Bardot / e abúlicas mãos tamborilam / no tampo da mesa fúteis dedos” (p. 56);
- ♦ o lugar “incandescente de luazinhas eléctricas” (p. 82);
- ♦ o lugar “das casas grandes de cimento” (p. 88), onde “roto e descalço / vai o garoto dos subúrbios” espreitar “Janelas de vidro do Natal / iluminadas a lâmpadas furta-cores” (p. 152).

A idiossincrática e calculada sublevação da escrita poética de Craveirinha permite-lhe subverter a ordem instituída, fazendo do subúrbio território de fundação por excelência, espaço primordial ritualizado na invocação das suas múltiplas ocorrências:

- ♦ “Nas vivendas de caniço” (p. 82), no “transido coração dos subúrbios”, Mangondo protagoniza, no gesto épico de queimar as fitas de celulóide, a insurgência coletiva;
- ♦ O papagaio do menino da Munhuana voa triunfante e desafiadoramente “sobre as grandes casas de cimento” (p. 88);
- ♦ “nos bairros de caniço” [...] “as folhas secas dos eucaliptos [que] flutuam suas almas ao vento” (p. 147) são premonitórias bandeiras da liberdade;
- ♦ No enfático e dramático apelo do poeta para que Teresinha, prostituída, “drogada ou desdrogada” reabite a Mafalala, se consagra o subúrbio como o reduto protetor e redentor daqueles que estão fatalmente irmanados na privação e na provação.

Nesse sentido, mais do que extensões indeterminadas, tanto a cidade como o subúrbio são verdadeiros territórios sociais que, embora interdependentes, possuem uma identidade própria, muito marcada e que se traduz por características que têm a ver com “histórias de fundação, regras comportamentais culturalmente estereotipadas, estruturas de poder e recursos centrais” (Liesegang, 1998, p. 106). É, portanto, através das regras que estão por detrás dos comportamentos e dos estereótipos que, no essencial, faz-se a regulação social.

Por conseguinte, se a luz do dia nos revela os que saem do subúrbio e se movimentam em direção à cidade em busca da sua sobrevivência, é na calada da noite que o movimento contrário traz ao subúrbio o homem branco que aí, junto às negras, recreia e recria a

sua libido, ferozmente manietada por códigos morais relapsos e equívocos. O intercuro sexual do colono com a mulher negra inscreve-se, nesse sentido, numa longa tradição dominada pelas relações espúrias entre europeus e escravas, ou, se quisermos particularizar, entre a “casa-grande” e a “senzala”.

A autoconsciência crítica de João Salva-Rey se, por um lado, nos apresenta o subúrbio como lugar onde as trevas acobertam os amores clandestinos e ilícitos do homem branco, por outro aponta as contradições e ambigüidades da sociedade colonial:

Como poderiam, de resto, todas as Fatimanes resistir à dura provação discriminatória que era uma das constantes desta sociedade chamada multirracial? Seria ele, Alfredo, ou outro qualquer branco capaz de casar com uma negra? [...] Era uma rapariga gentil, bonita, decente. Mesmo assim, casaria com ela? Jamais! (p. 95).

Tanto em Craveirinha como em João Salva-Rey, estamos perante representações contemporâneas aos fatos e acontecimentos trazidos pela escrita. Daí que nos confrontemos, em largos momentos, com um realismo impenitente e causticante, revelador de que estamos diante de territórios e identidades (sociais, raciais, culturais etc.) onde a negociação entre eles não só é precária como apresenta contornos perversos. Prova de que a negociação só é possível se existir uma plataforma, por mínima que seja, de igualdade reciprocamente reconhecida. O que não o foi no passado, nem parece sê-lo no presente.

Um aspecto que ressalta das representações do espaço suburbano, quer em Craveirinha quer em Salva-Rey, é a sua profunda humanização, notável tanto nas minudências descritivas dos ambientes familiares e sociais como na presença dos seres que os habitam. Assim, o subúrbio aparece-nos, em Craveirinha, como um território intensamente uterino e que nos é dado pela intensa prevalência do Mito do Eterno Retorno, reconhecível, por exemplo, em “Ode à Teresinha”:

e ao romântico xipefo da Lua nos zincos da Munhuana
tu reinventando as maldições terríveis dos xipócuês
vem comigo Teresinha, vem comigo
e drogada ou desdrogada
reabita a Mafalala

(p. 100)

Por sua vez, o narrador de *Ku Femba* não disfarça o efeito quase sortilégio que as gentes, os casebres e as artérias de areia lhe provocam. Dessa feita, ao mesmo tempo que um subúrbio como a Mafalala se impõe como “centro do mundo [...] abrindo as portas ao sol, [deitando] no mundo, poetas e músicos, toureiros, o Eusébio e outros futebolistas de gênio e fama universal” (pp. 277-8), é um espaço que nos permite quadros de grande eloquência figurativa:

Homens sem trabalho, à volta das cantinas, mulheres de todas as idades, à volta dos homens, na expectativa de uma dura côdea de pão, dois goles de cerveja, ou, quem sabe lá, uma capulana nova. Raparigas talvez impúberes ou talvez não, já mulheres de todos os vícios da necessidade, fugiam rindo, dos ataques dos lobos maus (p. 305).

Fator determinante na humanização desses territórios é precisamente a presença da mulher. É sobre ela que recaí, afinal, o triplo ônus da colonização, isto é, sujeição social, racial e sexual. Situação que adquire contornos dramáticos em relação às prostitutas e outras profissionais da noite, sejam suburbanas ou urbanas. Segundo Robert Young (1995, p. 90), a cumplicidade entre racismo, sexualidade e cultura é uma das marcas mais significativas da colonização. Verifica-se aí um movimento ambivalente de atração e repulsa, sobretudo por parte do colono, que leva ao cruzamento de fantasias raciais e sexuais geradoras, por sua vez, dos estereótipos que irão subsistir muito além do tempo e do espaço.

É, porém, na escrita de Aldino Muianga que a representação do subúrbio corresponde ao resgate pleno de todas as suas potencialidades enquanto território pluridimensional e que se define, portanto, espacial, social, cultural, política, ética e economicamente. Escritor que emerge na década de 80, Muianga vai, num contexto histórico distinto do anterior, trazer-nos de volta o subúrbio, sobretudo como memória e como espaço-símbolo. Ao lado do universo rural, o espaço suburbano é recorrente e programaticamente convocado nas diferentes obras de Aldino Muianga, com indisfarçáveis desígnios de afirmação territorial e identitária.

Na obra *O domador de burros e outros contos* (2003), precisamente no conto “O domador de burros”, o bairro de Matorsine surge-nos dando corpo a um exercício rememorativo em que o passado se perfila através de múltiplas e significativas referências: “cantina do branco” (p. 10), “o vendedor de tripas” (p. 10), “o regedor do bairro” (p. 15),

“bairro... desta bela cidade de Lourenço Marques” (p. 16), “caderneta indígena” (p. 34) etc.

Mas é sobretudo como instigante alegoria do presente que o conto de Aldino Muianga adquire importância e sentido particulares. Com perspicácia, a prefaciadora da obra considera que “a história dos burros e do seu domador pode ter sido uma maneira astuta de explicar assuntos de hoje com um refrão de ontem” (Welch, 2003, p. 7). E toda a ficcionalização do bairro de Matorsine enquanto espaço-encruzilhada de seres, classes socioprofissionais, tendências políticas, imaginários (sobretudo os dominados pela ruralidade), linguagens, vivências, fraquezas e virtudes humanas empurra-nos para a valorização dessa visão alegórica.

Pela sua localização, origem e dinâmicas, o subúrbio é o lugar que, em África, superiormente concorreu para a gestação das elites e das transformações que determinaram o advento dos Estados-nação saídos das multisseculares malhas coloniais. Por outro lado, essas mesmas nações irão simbólica e vivencialmente reproduzir muitas das representações e comportamentos gerados e processados nas periferias da cidade colonial. Verdadeiro microcosmos, o bairro suburbano de Matorsine paradigmaticamente singulariza as singularidades vividas hoje por muitas dessas nações: as tensões intestinas, as perturbações identitárias, as disputas de poder, as indefinições socioeconômicas, as lutas de sobrevivência, as crises cíclicas, a transgressão de valores e o sempiterno conflito entre a tradição e a modernidade. Daí a enorme carga simbólica que se reconhece, por exemplo, na concepção e no papel das personagens.

É verdade que a modernidade, *lato sensu*, significou, como explica Gianni Vattimo, o desmantelamento da ideia de história como algo unitário, visto que “os povos ditos ‘primitivos’ colonizados pelos europeus em nome do bom direito da civilização ‘superior’ e mais evoluída revoltaram-se e tornaram problemática a ideia de história unitária e centralizada” (1991, p. 12). Do mesmo modo, é perversamente verdade que essa mesma modernidade concorreu para que o paradigma libertário das nações “periféricas” se inspirasse nos padrões e valores que consubstanciam a mundividência dos dominadores, isto é, enquanto “centro em torno do qual se recolhem e se ordenam os acontecimentos”. Também é finalmente verdade que os Estados-nação pós-coloniais instituíram e recriaram polaridades internas com centros e periferias fortemente demarcados.

Entretanto, a cidade coexiste na obra de Aldino Muianga como uma presença difusa, quase obscura, mas onipresente e dominadora, fazendo-se sentir sobretudo na forma como condiciona as dependên-

cias, comportamentos e mentalidades das personagens mais influentes do subúrbio. Reside aí precisamente a chave da imagologia de “O domador de burros”. Numa interessante leitura sobre a modernidade, Walter Benjamin considera que ela tem a ver com tudo o que existe de tempo futuro no tempo passado e é chamado para o tempo presente. É exatamente na forma como “O domador de burros” recria o passado que se podem divisar algumas das dinâmicas do nosso tempo.

Sendo assim, as correlações das territorialidades passaram de uma dimensão colonial a uma dimensão global, em que os territórios dominantes se deslocaram, se travestiram, mas mantiveram a sua essência: o pendor hegemônico. Os outros permaneceram, afinal, já não na periferia da cidade, mas nas orlas do planeta. E ao nível dessas mesmas margens do mundo, vão se desenvolvendo internamente crispações de natureza étnica, ética, socioeconômica, partidária e religiosa, num quadro de incomunicação e confrontação em que se vão fragmentando todas as possibilidades estáveis de existir.

Se em “O domador de burros” a reposição da ordem perturbada no subúrbio é assegurada pela autoridade proveniente da cidade, por outro lado as periferias, em dimensão planetária, olham para o centro na eterna esperança da salvação. Essa é uma percepção amargamente expressa pelo escritor costa-marfinense Bernard Dadié, para quem os africanos estão a criar todas as condições para voltarem a ser “salvos” pelos europeus.

Segundo Arjun Appadurai, vivemos hoje num mundo de “fluxos globais disjuntivos” (2001, p. 86), em que os movimentos migratórios e os maciços caudais de informação vão criando, cada vez mais, imaginários desterritorializados que implicam uma constante reinvenção de espaços. Por outro lado, a reificação de dicotomias nas nações advenientes da colonização (responsável, por seu lado, pelas arbitrariedades das demarcações fronteiriças), quer com a “domesticação das diferenças” em nome da unidade e da identidade nacional, quer com a instituição de centros e periferias internas, concorreu para a gestação e catalisação de conflitos que têm conduzido à desagregação do sentido de pertença a um determinado território. É, pois, uma nostalgia de um território que, de certo modo, atravessa a narrativa de Aldino Muianga.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que uma das grandes imposturas teóricas do nosso tempo é acreditarmos que fenómenos como o colonialismo, o racismo, a escravidão ou o etnocentrismo são apenas episódios mais ou menos localizados na história da humanidade. Não subestimar a capacidade desses mesmos fenómenos e outros

que traduzem esquemas discriminatórios e hegemônicos em se metamorfosearem, adaptarem e se anteciparem aos novos tempos (criando sobretudo novas linguagens) é, seguramente, a atitude mais prudente e mais realista.

Não deixar de olhar para o passado – onde, por exemplo, a dualidade subúrbio-cidade representou um dos conflitos estruturantes da colonização e da sua conseqüente contestação – é assumir uma responsabilidade epistemológica que nos ajudará a perceber os contornos e as sinuosidades dos territórios, identidades e discursividades despoletados pela colonização e conseqüente planetarização do mundo. É, enfim, não participar da “conspiração de silêncio” (Bhabha, 1995, p. 123), que tende a perpetuar dependências e mistificar diferenças. Dentro ou fora das nações que participam do concerto ao mesmo tempo monopolar e multicêntrico do mundo.

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. *Après le colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalisation*. Paris: Payot & Rivages, 2001.
- BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. Londres: Routledge, 1995.
- CRAVEIRINHA, José. *Karingana ua Karingana*. Maputo: INLD, 1982.
- DADIÉ, Bernard. “Entrevista” In: *Proler*. Maputo, nº 5, set-out. 2002, pp. 13-7.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d’Água, 1986.
- LIESEGANG, Gerhard. “Territorialidades sociais e identidades como referência a Moçambique”. In: *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1998, pp. 99-159.
- MUIANGA, Aldino. *O domador de burros e outros contos*. Maputo: Ndjira, 2003.
- NOA, Francisco. *Império, mito e miopia. Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho, 2002.
- SALVA-REY, João. *Ku Femba*. Lisboa: Vento-Sul, 1986.
- SEGRE, Roberto. “Beleza no subúrbio”. *O Globo*, 18 nov. 2002, 1º Caderno, Opinião.
- TRIGO, Salvato. “Literaturas africanas de expressão portuguesa – um fenómeno de urbanismo”. In: *Ensaios de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa: Vega, [s.d.], pp. 53-60.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- YOUNG, Robert. *Colonial Desire. Hybridity in Theory, Culture and Race*. Londres: Routledge, 1995.

Resumo

Pequena reflexão sobre a importância que a representação do espaço adquire na projeção da problemática identitária na literatura moçambicana. Trata-se, no essencial, de rastrear as interseções e clivagens de imaginários a partir de um espaço emblemático: o subúrbio, tendo em conta sobretudo as lógicas desenvolvidas pelos processos de hegemonização civilizacional e cultural.

Palavras-chave: subúrbio · território · imaginário

Abstract

A brief reflection on the importance that the space representation gains on the projection of identity problems in Mozambican literature. It deals basically in searching the interceptions and cleavages of imagery based on an emblematic space: the outskirts, considering above all the procedures developed by the cultural and civilization hegemony.

Keywords: outskirts · territory · imagery

